



# DA ESCOLA PARA A CIDADE: cultura popular e a liberdade resistente do Vila

**JULIANA PROTÁSIO**

Bacharela em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia; publicou resenhas críticas sobre Cinema entre 1999 e 2003 e foi assessora de comunicação do Teatro Vila Velha - no período de 2003 a 2007. Juliana Protásio é jornalista e redatora para Comunicação Corporativa.



**“Não, infelizmente** não temos fotos atuais da fachada. Na verdade, nem valeria muito a pena, porque olhando de fora, o teatro parece uma caixa de sapato” – foi assim que um dos integrantes do Núcleo de Comunicação respondeu a uma ligação solicitando fotos do Teatro Vila Velha no começo dos anos 2000. Essa breve conversa nos dá indícios da espontaneidade e relação íntima que profissionais e o público tendem a criar com aquele espaço.

Quem chega ao Teatro Vila Velha, dentro do Passeio Público situado no coração de Salvador, rapidamente se sente familiar. Não são raros os casos de quem senta pela primeira vez na plateia e deseja fazer mais do que pagar por um ingresso e aplaudir ao final dos espetáculos. Foi o que ocorreu comigo. Tive a sorte e a honra de fazer parte da equipe do Vila como assessora de comunicação, entre 2003 e 2007.

O Vila, como logo passamos a chamá-lo, é uma fortaleza cultural, uma completa escola de artes cênicas e para toda a vida. Como uma velha/mãe/donzela que nos olha irreverente na figura do Sol, que é sua marca, o teatro revela diferentes faces a quem passa por ele. O que cada um sente na plateia, nos bastidores, no palco, nas salas de ensaio, nas coxias e áreas técnicas faz do Teatro Vila Velha um personagem vivo e mutante da cultura brasileira.

Nos 65 anos da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, é importante reconhecer a trajetória do Teatro Vila Velha, estabelecendo relações entre sua relevância formativa e suas origens vinculadas à Escola. De modos distintos, ambas as entidades têm papel de suma importância na formação e no desenvolvimento de artistas, articulação política e promoção das artes cênicas no contexto cultural brasileiro.

Embora tenha sido fundado de uma chamada dissidência – ou rixa pessoal – da Escola de Teatro, ao longo de quase seis décadas o papel do Vila no contexto artístico é seu análogo e complementar. Da mesma forma que a Escola pioneira no Brasil, o Vila Velha se consolidou como espaço de formação, discussão, experimentação, ensaio, palco e construção política para artistas e técnicos que compõem parte significativa da cadeia das artes cênicas na Bahia, com reflexos em nível nacional.



#### IMAGEM 1

Sônia Robatto, uma das artistas fundadoras da Sociedade Teatro dos Novos e do Vila Velha. Estudante da primeira turma da Escola de Teatro da UFBA. Acervo do Teatro Vila Velha



---

## COMEÇOU NA ESCOLA DE TEATRO

---

O Vila nasce de um desejo de um grupo de artistas que se originou na primeira turma da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia. Às vésperas da formatura, em 1959, alunos-atores, entre os quais Carlos Petrovich, Carmem Bittencourt, Echio Reis, Teresa Sá, Nevolanda Amorim, Marta Overbeck, Mário Gusmão, Mário Gadelha, Wilson Mello, Sonia Robatto, Othon Bastos (que viria a se destacar no Cinema Novo de Glauber Rocha e tornar-se conhecido como *ator global*) e Carlos Petrovich, ao lado do professor, crítico teatral e dramaturgo João Augusto, rompem com o diretor da instituição, o pernambucano Eros Martim Gonçalves.



Essa briga, que repercutiu intensamente na imprensa da época, precipitou a criação de uma companhia profissional, a Sociedade Teatro dos Novos, que viria a construir o Teatro Vila Velha, em 1964. A grande “caixa” que conhecemos hoje em dia é a versão mais moderna, nascida da reforma realizada entre 1994 e 1998, que substituiu o prédio original.



**IMAGEM 2 E IMAGEM 3**

Um espaço para a Sociedade Teatro dos Novos, composta por dissidentes da Escola de Teatro da UFBA, inaugurado em 1964. Acervo do Teatro Vila Velha



Ainda que sejam apontadas divergências estéticas e artísticas entre os Novos e a Escola de Teatro, testemunhas da época e quem posteriormente se debruçou sobre o assunto, como o diretor e dramaturgo aficionado por história e memória, Marcio Meirelles,<sup>1</sup> e a atriz, jornalista e pesquisadora Jussilene Santana,<sup>2</sup> contam que a ruptura se deu por conflitos pessoais, não por uma divergência institucional.

O que ajuda a entender os fios que costuram a vocação do Vila Velha e da Escola Teatro ao longo de quase seis décadas. Muito mais do que um palco para espetáculos ou sala de ensaios, o Vila nasceu da necessidade de se exercer uma prática teatral que, além de referências e da excelência técnica, estivesse conectado com as transformações sociais, a arte popular e os habitantes da cidade.



#### IMAGEM 4

Cena de *Eles não usam blaquetai* (1964). Direção de João Augusto. Texto de Gianfrancesco Guarnieri. Acervo do Teatro Vila Velha

---

**1** O atual diretor artístico do Teatro Vila Velha foi entrevistado para a composição deste artigo.

---

**2** Jussilene Santana defendeu a tese de doutorado: *Martim Gonçalves: uma escola de teatro contra a província* / 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32002/1/martim-goncalves-jussilene-santana-sf-dvv.pdf>



# UM CONDOMÍNIO ARTÍSTICO

De acordo com Marcio Meirelles, diretor artístico do Vila e integrante da atual Cia Teatro dos Novos, a casa sempre abrigou e foi movida pelo trabalho coletivo do teatro de grupo. Houve um período, na primeira década dos anos 2000, em que chegou a haver seis grupos residentes atuando e ocupando o Vila Velha. Isso sem incluir artistas e companhias parceiros em projetos, como grupos do interior do Estado, ou que apenas eventualmente se apresentavam no teatro.

Sempre foi difícil fazer quem estava de fora compreender o que eram os grupos residentes, algo que parecia elementar para quem atuava neles. Eram formados por artistas que criavam, produziam e se apresentavam no Vila, com muitos de seus integrantes também trabalhando no corpo técnico-administrativo que tocava o dia a dia da casa. Era um formigueiro humano se preparando e entrando em cena, se reunindo para discutir a sobrevivência de seus projetos e do próprio teatro.

Seis grupos residentes vivendo em condomínio criavam uma atmosfera estimulante e divertida, mas havia também um grau de balbúrdia com cerca de 80 pessoas naquela lida de dividir e compartilhar recursos. Era muita gente circulando, muitos figurinos, objetos e adereços de cena, agenda disputada de espaços para se reunir, ensaiar ou se apresentar. Mesmo assim, havia menos atritos e desorganização do que era de se esperar de todo aquele contingente e suas contingências. Ainda mais com o perfil sensível, corajoso, alvoroçado e vaidoso característico de artistas.

Ainda hoje, com revisões da maneira de atuar e se posicionar na cena cultural, três dos grupos daquele período continuam como residentes do Vila:

**Cia. Teatro dos Novos** – O nome da companhia pioneira fundadora do teatro segue preservado em atividades de pesquisa, experimentação e montagens que englobam geração após geração de artistas.



**Bando de Teatro Olodum** – Formado por atrizes e atores negros, é um dos mais antigos e atuantes grupos focados em debates e na encenação de temas relacionados a cultura afrobrasileira e luta antirracista.

**Núcleo Viladança** – Desenvolve atividades de intercâmbio, criação, formação artística e de plateia para a dança.

Os outros grupos residentes naquele período foram o **Vilavox**, focado em experiências cêni-co-musicais; a **Cia de Teatro Novos Novos**, companhia de teatro infanto-juvenil, formado por crianças e adolescentes; **A Outra Cia de Teatro**, composta por artistas jovens explorando fusões de linguagem contemporânea, clássicos e cultura popular.

**IMAGEM 5**

Cena do espetáculo Ó Paí, Ó, com Rejane Maia e Jorge Washington. Direção de Marcio Meirelles, coreografias de Zebrinha e música e direção musical de Jarbas Bittencourt. Foto de João Milet Meirelles. Acervo do Bando de Teatro Olodum





Foi um período que pode ser considerado de abundância e grandes números, apesar das constantes dificuldades de se levantar dinheiro para fazer arte e promover a Cultura. Recordo de Gilberto Gil, como ministro da pasta, visitando o Vila na formalização de um dos diversos convênios que permitia a realização de projetos de apresentações, manutenção, registro, memória, entre outros.

A produção artística incubada pelo Vila sempre foi indubitavelmente prolífica. Mas tornou-se mais constante e madura numa época em que havia um maior disponibilidade de recursos de leis de incentivo, de fundos destinados à cultura, de editais regionais e nacionais, iniciativas do Estado e do governo federal, empresas públicas e privadas comprometidas com alguma modalidade de mecenato.

Em 2004, ano em que o teatro celebrou seu 40º aniversário, havia apresentações quase diárias, chegando a três em cada um dos dias nos finais de semana, totalizando número superior a 365 sessões.

Parecia uma fortuna, mas os custos mal se cobriam, uma realidade comum, que diversas vezes ameaçou a interrupção das atividades ao longo dos anos. Manter um centro cultural de pé, aberto e funcionando tem um custo alto. O rendimento da bilheteria sozinho normalmente não é suficiente para custear a infraestrutura, muito menos os próprios artistas.

Havia o compromisso fechado com pagamento de água, luz, telecomunicações, funcionários e técnicos, mas quem criava mesmo, suava nas salas de ensaio e debaixo dos refletores, na maioria das vezes ficava no zero a zero ou recebia muito pouco.

Ganhar um prêmio ou edital significava ter verba para levantar um espetáculo – criar cenário, figurino, pagar pauta de ensaios e apresentações, além do elenco e equipe técnica. No entanto, é um recurso que acaba diluído entre as etapas de criação e a temporada em cena propriamente dita. Havia artistas entre os residentes que juntavam as economias de outras fontes de trabalho para investir nas montagens.

Por isso, uma preocupação constante entre os gestores e grupos do Vila era viabilizar atividades de formação de artistas e de plateia, uma forma de olhar para o futuro e levantar recursos no presente.





# DESENVOLVENDO FUTUROS ARTISTAS E ESPECTADORES

Independentemente da formação acadêmica ou profissionalizante, a transmissão de conhecimento e práticas entre artistas não pode parar, pelo desenvolvimento do indivíduo e das próprias linguagens. No Vila Velha, a realização de oficinas e o estímulo a discussões sobre políticas culturais fazem parte de uma série de valores e iniciativas comprometidas com a continuidade e sustentabilidade da cadeia produtiva teatral.

Por meio de oficinas livres ao longo do ano e durante o verão, o Vila abre suas portas para quem tem interesse em aprender por curiosidade amadora ou mesmo se aprofundar em diversas técnicas artísticas e corporais. Aulas de teatro, música e dança, entre outras atividades, são oferecidas por profissionais reconhecidos na cena local. Em muitos casos, este é o primeiro contato de futuros artistas com o meio.

É também um espaço para que o público se aproxime e conheça o teatro por um outro viés, ampliando a interface entre as artes e a cidade, deslocando do espaço distanciado entre palco e plateia. As oficinas também desempenham um papel relevante na formação de profissionais polivalentes, recurso fundamental em um mercado de economia tão enxuta.

Justamente por detectarem as necessidades de uma formação mais abrangente para enfrentar os desafios de ser e estar no meio cultural, artistas da atual Cia Teatro dos Novos lançam a Universidade Livre do Vila, em 2013. Curso de preparação para novas gerações de artistas cênicos, abrangendo diferentes ofícios necessários para que um espetáculo seja encenado e possa receber o público.



Capitaneado pelo diretor Marcio Meirelles e a atriz e diretora Chica Carelli, residentes de longa data do Vila, o programa pedagógico desenvolve conhecimentos práticos de cenografia, figurino, maquiagem, som, música, vídeo, gestão, produção e comunicação. Quem participa tem a oportunidade de trabalhar nas montagens da Cia dos Novos, experimentando desde a bilheteria até subir ao palco. Desde a sua criação até 2019, a iniciativa apresentou cerca de 30 espetáculos.

Como não basta estar em cartaz, também é fundamental ter quem vá ao teatro, também se faz necessário investir em formar o público. No que diz respeito às iniciativas chamadas de “formação de plateia”, o Vila Velha também desenvolveu projetos para levar crianças e adolescentes de escolas públicas e particulares para assistir aos espetáculos em sessões exclusivas, muitas vezes incluindo debates com os artistas ao final. Era uma maneira de ampliar o acesso à arte e despertar a sensibilidade para diversos temas atuais, de forma indireta, em vez de didática, mas que pudesse ser aproveitada no contexto escolar.

As ações de formação de plateia procuram iniciar e atrair o interesse do público jovem para o contato com o teatro e todo rito de estar presente em uma sala de espetáculos. Ao mesmo tempo, compunham uma estratégia eficaz de levantar recursos para remunerar o trabalho de artistas e técnicos envolvidos nas montagens. Outro benefício era geração de receita para o teatro ao ocupar o espaço em horários que não tinham atividades no meio da semana.

A resistência do Vila enquanto espaço de criação, estímulo e difusão artística, portanto, se deve não apenas à versatilidade de gêneros e estilos apresentados em suas salas. Conta também com a fundamental importância dos camaleônicos artistas e produtores nos bastidores nas estratégias correlatas à atividade artística para captar recursos e assegurar a sobrevivência do espaço e de todos que o fazem respirar.



# IMPACTOS PANDÊMICOS E TRANSFORMAÇÕES PARA O AMANHÃ

O Teatro Vila Velha e seus artistas, assim como os agentes da cadeia produtiva da cultura em todo o país, foram afetados por crises econômicas recentes e pela pandemia de Covid-19 desde 2020. A principal estratégia para estar vivo e continuar lutando foram os canais digitais.

Felizmente, o investimento do Vila Velha na produção audiovisual e no uso do meio digital para se alinhar a tendências de comunicação e comportamento do público já era bem anterior. Assim, no momento em que toda humanidade corria para se reinventar e descobrir como fluir pela transformação digital, o Vila já estava adiantado.

Com equipamentos de captação e um estúdio de edição de vídeo, além de uma presença digital estruturada com site próprio e canais de redes sociais, o Vila abriu seu palco on-line. Foi a oportunidade de resgatar um rico acervo de espetáculos registrados nas duas últimas décadas, expandir fronteiras de discussão sobre o fazer artístico e política cultural, além de criar novas obras em formato 100% digital. Videoconferências e apresentações ao vivo, ao lado de vídeos sob demanda inauguraram uma nova dimensão de produção e acesso à cultura, ao modo Vila Velha de resistir e ser livre.

Apesar do sucesso das iniciativas, isso não quer dizer necessariamente que foi fácil se adaptar e solucionar todas as questões de subsistência – muitas delas ainda pairam no ar, um misto de ameaça e promessa, como uma provocação. E assim, a pulsão de se reinventar e o desejo de se conectar com a emoção das pessoas segue como combustível para o Vila e os artistas que movimentam suas engrenagens.